



DOMINGO 13 DE ABRIL DE 1879



# PYRILAMPO

FOLHA QUINZENAL LITTERARIA E PHILOSOPHICA  
DEDICADA ÀS DAMAS BRACARENSES

Directores—JULIO CARDOSO e ALVARO SEQUEIRA  
Administradores—PEIXOTO JUNIOR e FIGUEIREDO E CASTRO

## DUAS PALAVRAS

O primeiro numero do PYRILAMPO é o nosso n.º programma. Tomamos para titulo d'esta modestissima publicação um nome que a alguém talvez pareça extranho; não queremos comtudo impor por meio d'elle algum orgulho ao jornal, não.

Do mesmo modo que o mimoso insecto brilha com a sua tenue luz durante as noutes d'estio, não offuscando os corpos luminosos que gravitam em volta do sol banhando a terra de luz, tambem o nosso jornal deseja brilhar ou melhor luzir modestamente. É modesto como um PYRILAMPO. Occulta-se no cantinho que lhe é dado para viver como o infusorio em uma gota d'agua; as suas aspirações não são grandes. Todo o nosso desejo é que recebam bem o PYRILAMPO que vae trilhar a espinhosa e difficil senda do jornalismo litterario.

A Redacção.

## DOLORA

(DE CAMPOANOR)

— Adeus, filho que est'alma estremecia!  
Um triste velho, ao expirar, clamava,  
E a loira creança que seu pae beijava  
— Adeus! adeus! — choroso repetia!

Um chorava a lagrima derradeira,  
O outro a primeira derramava emtanto,  
E, confundidas, ultima e primeira,  
Symbolo foram d'um igual quebranto!

— Qual d'ellas — dizei vós — n'um mal tão forte,  
Brotou do coração mais dolorida?  
A do que o mal primeiro achou na vida?  
Ou a do que encontrou um bem na morte?

Braga.

Alfredo Campos.

## PHYLOSOPHIA DOS ARABES

I

DESDE O DILUVIO ATÉ AO NASCIMENTO DO CHRISTIANISMO

Baldado seria talvez o nosso trabalho se quizessemos indagar com exactidão qual foi a philosophia dos Arabes nos seus primitivos tempos. Affirmam alguns authores que este povo cultivou a philosophia desde a mais remota antiguidade; porém, a não ser conjecturas e possibilidades não nos resta a favor d'esta asserção nenhum monumento authentico e certo que nol-o prove.

Posto que os arabes pretendam descender de Abrahão, não é veresimil que essa pretensão tenha algum fundamento: não houve na Arabia habitantes anteriormente a Ismael e Edom, no tempo dos quaes era já este vasto paiz, segundo as apparencias, occupado pelos descendentes de Cush (1). Mas ainda que seja verdade que desde Abrahão a Arabia fosse povoada sómente por descendentes d'esse patriarcha, não se seguiria d'ahi que os Arabes tivessem sido philosophos. Póde conjecturar-se, comtudo, do que os Judeus e os Arabes disseram d'esse primeiro padre da religião judaica, sendo certo, que pelo menos os descendentes de Ismael e Edom herdaram de seus antepassados o conhecimento de um Deus unico, creador de todas as coisas, assim como herdaram a pratica da circumcisão.

A estada de Moysés durante quarenta annos em casa de Jethro, seu avô, que vivia verisimilmente na Arabia deserta, forneceu-lhe occasião de communicar á familia, e porventura á tribu de Jethro, os conhecimentos que havia adquirido no Egypto. Porém isto são apenas futilidades, sobre as quaes não assentam nenhuma prova directas. Outrosim, a maneira de viver dos

(1) Vid. Schukfort—Hist. sagrada e profana.

arabes scenitas, ou do deserto, não lhes prestava meios de os tornar philosophos.

Muitos pretendem que o livro de Job contem a historia verdadeira de um arabe e as suas conversações com alguns dos seus compatriotas.

Se este facto estivesse provado, esse livro seria um monumento preciosissimo dos conhecimentos e crenças dos arabes n'esses velhos tempos.

Provar-se-hia então por esse livro que os sabios d'esse paiz acreditavam em um Deus unico, soberanamente perfeito e creador do Universo; que os Arabes tinham ideias sans do que de nós exige a virtude; que tinham conhecimentos, alguns extensissimos, ainda que não systematicos, mas puramente experimentaes, da historia natural, da metallurgia, da astronomia; que esperavam, ainda que indecisa e confusamente, uma outra vida depois d'esta. Mas não é certo que Job fosse um personagem real, e parece que esse livro não é mais do que uma especie de poema composto por Moysés para instrução do povo irraelita, do qual era chefe.

O illustre Lokman, que póde muito bem ser um personagem não differente d'aquelle que é conhecido dos gregos pelo nome de Esopo, posto que tido pelos arabes como um dos seus sabios, era segundo o testemunho de varios authores, ethiope de nascença, professava a religião judaica e vivia no tempo de David e Salomão. A sua philosophia consistia exclusivamente em lições de moral, expressas em apologos ou fabulas, em estylo familiar. Chardin fal-o originario de Casbin, cidade da Perzia (1) O que se sabe d'este homem não bastece de documento algum a philosophia dos arabes pristinos.

Não podemos tirar luzes mais satisfactorias da viagem da rainha de Sabá a Jerusalem, onde veio para ajuizar da sabedoria de Salomão. Diversas razões authorisam a acreditar que veio da Arabia feliz, do paiz dos Sabeos, cuja capital era Sabá. Os historiadores sagrados dizem-nos que ella veio do Meio-dia da Judeia e dos confins da terra, trazendo consigo ricas dadivas em oiro, em pedras preciosas e exquisitos perfumes — circumstancias que todas convém ao paiz dos Sabeos, situado na parte meridional da Arabia.

Nada d'isto, porém tem relação com a philosophia. Propor enygmata e resolvel-os indica espirito, mas não um espirito philosophico — e sabe-se que estas recreações intellectuaes eram n'esses tempos uma occupação ordinaria, inclusivamente dos grandes principes. Não indicava isso muita sa-

(1) Vid. *Viagem do Cavalleiro Chardin.*

bedoria, mas, pelo menos, provava que os povos que se entregavam a esses ingenuos exercicios não eram nem absolutamente ignorantes nem nimiamente grosseiros, e começavam a cultivar a intelligencia pelo estudo das letras, o qual sempre precedeu o das sciencias philosophicas.

D'entre todas estas incertezas antevemos um facto averiguado e authentico. Desde os mais antiquissimos tempos os Arabes, cujo paiz, na parte meridional sobretudo, abundava em mercadorias preciosas, applicavam-se com affluencia ao commercio. Com este fim transportavam-se a diversos pontos e nomeadamente á Ethiopia, ao Egypto, á Phenicia, á Judeia, á Assyria, á Persia e as Indias. Trouxeram, pois, consigo as sciencias cultivadas n'estes paizes, e fizeram um conjuncto, um amalgama d'esses conhecimentos tradicionaes. Foi assim que Anacharsis, Thales, Pythagoras, Solon, Platão e outros sabios tão sublimados, adquiriram essas luzes que lhes acarretaram a sua apregoadada reputação. Os arabes augmentaram, portanto, a somma d'esses conhecimentos recolhidos pela tradição, os quaes constituam toda a sabedoria dos homens antes das academias gregas. Até então não se curava nem de discussões, nem de systemas mas unicamente de preceitos, de apothegmas, pedindo provas á tradição, á antiguidade das opiniões, ao numero d'aquelles que tinham uma proposição por verdadeira.

Se pelas viagens e pelo commercio com estrangeiras os arabes se enriqueceram e esclareceram, abraçaram tambem erros, e muitos. Foi assim que arrecadaram, parece, dos Zabeos de Chaldêa o culto dos astros e o gosto pela astrologia e talismans; que aprenderam dos Persas a doutrina dos Magos; dos Indios os erros dos dois principios; dos Judeus a cabala; dos Cananeos o culto dos astros... Parece que, nos tempos que precederem Mahomet, tinham voga estes erros entre os arabes.

Finalmente, nada — alem do que deixamos dito — se sabe dos Arabes d'este primeiro periodo, relativamente ás suas sciencias. Tudo são incertezas e contradicções, que mais vale calar do que apontar.

(Continua)

Adolpho Salazar.

## CONFRONTO

As orchidéas phantasticas,  
Que nas côres fulgurosas,  
Bem parecem caprichosas  
Borboletas vegetaes.

Bebendo em miasmas putridos  
A seiva que n'ellas gira,  
Dão a morte ao que as respira  
Nas solidões tropicaes.

Assim tu és: tens a mascara  
Das graças e da belleza,  
Com que escondes a frieza,  
E a doblez do coração:  
E d'este meio tam mórbido  
Haurindo o impuro alimento,  
Tu matas o sentimento,  
Envenenas a paixão!

Marca.

Dr. Alberto Cruz.

## INCOGNISCIVEL

A M. J. PEIXOTO DO REGO

Nas paginas sombrias do passado  
Ha muito que procuro comprehend  
Que especie d'atração indecifrável  
Nos faz curvar aos labios da mulher.  
Eu vejo os cavalleiros romanescos  
Em noites de infinita escuridão  
Passarem envolvidos nos seus mantos,  
Á procura da luz do coração.  
Vejo darem-se combates de gigantes,  
Vejo frentes crestadas do calor,  
Porque andaram em luctas, em torneios  
E vem pedir agora o sol do amor.  
Falem por mim as tetricas tragedias,  
E os doces devaneios dos poetas,  
As estrophes dos velhos paladinos,  
E as doces emoções das Julietas.  
Falem por mim as odes byronescas,  
Os sonhos de Petrarca, a voz do Dante,  
Falem por mim os versos realistas  
E o poema do tyrismo extravagante.  
No entanto em vão procuro no passado  
E creio que ainda vive no mysterio  
A essencia que n'esse astro luminoso  
Tem sobre nós um tão suave imperio.

Theatro anatomico da E. Medico  
Cirurgica do Porto 1879.

Sampaio e Castro.

## QUE RECORDAÇÕES!

A suave insistencia com que v. v. me  
tem pedido algumas linhas para o primeiro  
numero do *Pyrilampo*, entristeceu-me.

Vieram em mim accordar remeniscen-  
cias que dormiam o pesado e longo somno  
dos annos, e avivar faúlãs de lume não ex-  
tincto de todo, mas coberto das cinzas que  
o tempo ia friamente amontoando.

Eu ja tive, como v. v. tem hoje, de-  
soito annos. Chamavam-lhe então — prima-  
veras — os poetas. Como d'ahi para cá tem

ido o tempo dobando, dobando annos sobre  
annos!...

Em dezembro de 1855, quatro rapazes  
reunidos, decidiram unanimemente que sa-  
biam muito de tudo, e que era urgente au-  
xiliar a republica doutrinando os que sabiam  
menos e os que não sabiam nada.

—E doutrinaremos em livro ou jornal?  
— perguntou um dos quatro.

— Em jornal, porque o jornal é o Plu-  
tarcho do povo como diz Lamartine. — E  
pegando n'um numero do *Panorama* accres-  
centou enfaticamente *ceci tuera cela*, como  
escreveu Victor Hugo!

Sabiam ou não sabiam, os rapazes?

O nome que havia de ter o *periodico*  
foi objecto d'erudita discussão. Houve  
quem apresentasse tres titulos — o *Globo*, o  
*Universo*, *As cinco partes do mundo*, ou...  
outro qualquer que desse syntheticamente  
a ideia d'um vastissimo theatro onde podes-  
sem representar, sem se a cotovelarem, e  
até sem se ouvirem, todas as figuras que  
tinha-mos de pôr em scena... doutrinando  
os republicos.

Afinal não foi a modestia nem o senso  
— commum, foi a poesia que venceu. N'esse  
tempo ainda a poesia vencía quasi sempre,  
e mais, poucos versos alexandrinos havia. O  
collega encarregado de tratar *mano-a-mano*  
com as musas balbuciou timidamente o sua-  
vissimo nome — *Violeta*... efeminado de  
mais. Lembrou então a não menos suave  
palavra — *Murmurio*. Tres votos a favor, e  
um contra. Ficou *Murmurio*.

O que queria para titulo *As cinco par-  
tes do mundo*, mal se contentaria como fragor  
da catarata do Niagara, ou com as tempes-  
tades oceanicas do Amazonas.

Não faltava nada, a não ser dinheiro para  
comprar quatro mãos de papel de pezo para  
se escrever os prospectos e distribuil-os, não  
darei pelo *globo*, mas pela cidade e seus sub-  
urbios.

— Se nós tivéssemos um editor que  
quizesse enriquecer!? apostrophou um.

Procurou-se o homem, e appareceu um  
que havia sido sargento de infantaria 8. As  
armas e as lettras alliavam-se; faziam so-  
ciedade o capital e a intelligencia! O ex-sar-  
gento era herdeiro de fresco d'umas courellas,  
que mais tarde a justiça acabou de comer em  
papel sellado, custas etc. n'esses famosos pro-  
cessos, em que — diga-se de passagem —  
nada tinham que ver os sabios e esperançosos  
redactores do *Murmurio*.

Era o homem! De mais a mais tinha  
de seu uma typographia; era ambicioso de  
riquezas como depois lhe provaram nos tri-  
bunaes, e não menos de gloria, principal-  
mente quando nos ouviu em differentes es-  
tylos pregar-lhe que os editores entram de

cara alta pelas porteiras da posteridade ao lado esquerdo dos auctores mais abalisados. Fallamos-lhe dos *Elziviros*, dos *Ibarras*, dos *Craesbeck*, e doutros famosos editores. Elle não entendeu mas convenceu-se.

Em poucos dias tinhamos prespectos espalhados á farta, escriptorio aberto e varrido, estantes de pinho, uma meza de dito, e seis cadeiras de dito, dito.

Era o capital em acção!

O escriptorio ficava n'uma casa da Rua do Forno, á esquerda de quem sobe do Rocio da Sé. Está ahi ha muitos annos uma padaria onde se coze o municio para a tropa.

Bem se vê que foi casa fadada para d'ella sair o pão do espirito e o pão do corpo.

O editor era sobre tudo homem de negocio, e lá se lembrou que não seria mau haver um sabio velho que guiasse os jovens redactores.

Tambem a estes pareceu acertada a ideia, e foram os rapazes convidar um aucto- r de 40 annos que os recebem de braços abertos, franqueando-lhes a sua magnifica livraria, offerecendo-lhe os seus sabios concelhos, e promettendo-lhes a sua valiosa collaboração.

Optimo! Nem sequer faltava á promettedora empreza, e ao futuro doutrinamento da republica a authority da idade madura, nem a competencia da sciencia reconhecida.

(Continua)  
Braga.

Fernando Castiço.

#### A MINHA SYMPATHICA AMIGA DELFINA LOP'S

Eu sympathizo com as flores,  
porque a meus doces amores  
nunca souberam mentir!!  
FERREIRA PALHA.

Tu és a virgem, a florir dos campos,  
formoso esmalte no pendor dos montes,  
crystal das aguas, no cair das fontes,  
rosas tremúlas em saudoso abril!

Descem as auras a ameigar-te a face,  
as aves sagram-te amorosos cantos,  
o sol inunda-te em doirados prantos,  
o ceo te leva no seu manto anil!

Branca saudade, pensativa ás noites,  
chorando lumes que no sul se finam;  
querendo imagens que p'ra alem declinam,  
do Minho á margem, que o luar beijou;  
e buliçosa, no jardim da vida,  
sorrendo olores, mariposa alada;  
corda nas harpas divinaes vibrada,  
fulgente lagrima que o ceo chorou!

Oh! nunca, amiga, no teu seio candido,  
venham turturas exalar queixumes;  
das crencas d'alma divinaes perfumes  
levar-te um calix de cruel travor!

Nunca ess aurora d'esperança lucida,  
que vem pairar-te sobre a fronte bella,  
t'a offusquem brumas d'avernal procellas  
t'a escondam golos de mentido amor!

Que sempre encontres um altar festivo,  
onde, ditosa vás depor o incenso,  
d'essa virtude, d'esse amor immenso!...  
que o peito accende e te s'inflamma em ti!

Que sempre a terra te diffunda aromas,  
em luz e risos te mergulhe a vida;  
do tempo sintas na veloz partida  
o doce encanto qu'elle envolve em si.

Mas se avistares no teu ceo risenho  
nuvens crucis de negridão crescente,  
e te gelar o coração fervente  
na infinda ausencia d'uma falsa luz;  
oh! não descreias, innocente archanjo  
tem fé que ha balsamo p'ras chagas d'alma:  
na vida a esp'rança d'uma eterna palma,  
na morte os braços da divina cruz!...

Monsão, Março 1870.

Zulmira E. A. de Sá.

#### UM POETA

Eu vejo transluzir nos seus escriptos,  
polidos como o aço das espadas,  
a par do brilho e luz das alvoradas  
a candura d'uns mimos infinitos.

Existe na pureza dos seus dictos  
a belleza das phrases castigadas;  
e tem no cascalhar das gargalhadas,  
uns chistes ideaes, doces, bonitos.

Ora esculpe na face d'uma amante  
o sello do sarcasmo penetrante,  
ora solta rendido algum lyrismo...

É um mixto de paz e d'alvoroco!  
Embora que poeta é um bello moço,  
recorda pelo aspecto o darwinismo.

Colimbra.

Ricardo Beça.

#### O PYRILAMPO

O *Pyrilampo* é um pequeno animal da ordem dos coléopterés que a leitora muitas vezes terá encontrado a brilhar entre as hervas nas noutes do estio e que muitas vezes mesmo seduzida pelo seu brilho terá levado para o seu toilette para o lançar n'um vaso de flores exoticas e admirar de noute a sua luz. A applicação que se póde dar a esse pequeno insecto é immensa. A creoula hespanhola-americana manda apanhar pelos seus escravos uma grande porção d'estes animaes para o que elles agitam uma extensa cana na extremidade da qual elles encerram um carvão ardente. Parece haver uma acção magnetica, uma força de attração entre estes animaes pela luz que desprendem de modo que se juntam logo immensos, dese-

nhando no solo caprichosos ornatos montões de fogo verde e branco que faria admirar pela sua linda côr um habil pyrotechnyco. Então a creoula gentil guarnece d'estes insectos o veu branco, distribue-os com arte pelos seus cabellos de ebano de modo que fórma um diadema de luz envolvendo-lhe o pallido rosto, o que a faz parecer uma fada dos contos arabicos. Guardam-os depois em uma taça de vidro lançando-lhe alguns fragmentos de cana de assucar do que elles se sustentam e banham-nos de manha e á noute em algumas gottas de agua. Os indios guarnecem com elles os dedos que denoite parecem feitos de luz. Emquanto a propriedade luminosa que tem estes animaes observa-se um facto notavel; as femeas só é que emitem a luz e que possuem essa secreção propria que as torna luminosas na obscuridade e que apparece nas partes lateraes do abdome do animal. Pode augmentar ou diminuir o seu brilho debaixo de certas condições physiologicas e phisicas. Alguem quer que esta luz seja devida ao phosphoro que luze em contacto com o ar formando o acido phosphorico, como se dá com os molluscos. Em todo o cazo, um facto notavel e interessante é attracção que manifesta nos outros animaes pyrilampianos especialmente nos machos que são atrahidos por aquelle *facho dos seus nocturnos hymineus* como lhe chama o illustre Virey.

É um pharol natural, é um telegrapho animado que brilha no silencio e na obscuridade da noute. (1)

Viscondessa do Castello.

#### ANTONIO JOSÉ GOMES CARDOSO

Ouvindo o teu discurso esplendido, gigante,  
Senti-o não sei que das grandes commoções.  
Tu sabes inspirar no seio impenitente  
Os bellos ideaes das grandes concepções.

Tu sabes que Jesus, o sol omnipotente,  
Fazia á sua voz parar as multidões,  
E apenas empregava as phrases mais humildes  
Mas cheias de creença e luz, cheias de convicções

Tu quando erguestes a voz, sentia eu no seio  
Aquella voz ideal dos candidos prophetas,  
E tu o eras tambem, gravou-te alguem na fronte  
O scintillar febril do genio dos poetas.

Porto.

Julio Herminio.

(1) Vide Louiz Figuier *Vie et moeurs des animaux*.—Les insectes.

#### A UMA JOVEN

NO DIA DOS

#### SEUS QUINZE ANNOS

Naceste no mez das rosas,

Mais formosas,

De quem podes ser rival;

Na primavera nascida,

A da vida

Sorri-te com mimo igual.

Pae e mae de ti zelosas,

Pressurosas

Teus votos tentam cumprir,

Bem pagos de seus desejos,

Se teus beijos,

— Mais beijos lhes vão pedir.

Perfumada d'innocencia,

Que existencia

Mais formosa, podes ter?

Bafejada da ventura,

Sem negrura

De desgosto, n'ella ver!

Espelho do dia d'hoje,

Que te foge,

— Seja ó virgem teu pervir.

No volver d'outros quinz'annos.

Nunca os danos

Das maguas possas sentir.

Coimbra—maio, 1867.

Amelia Jammy.

#### UM IDEAL

Seus olhos tem um brilho transparente

Como o azul d'un lago crystalino;

Seus cabellos no collo alabastrino

Espalham rios d'ouro, resplendente.

A candura lhe cerca a casta frente

Como a aureóla de um sér, quasi divino,

E em seus labios de cacto porpurino,

Um sorriso baloíça docemente.

Eis o ideal da mulher, que sempre sonho,

Que despenha torrentes de poesia

No meu sér fatidico e tristonho!

Ideal, que atraz de si me leva e guia

As regiões da esperanza; e que risonho,

Me aponta do futuro a longa via.

Vizeu — Janeiro, 79.

C. Alberto de Magalhães.

## LUZ E SOMBRA

RESPOSTA A \*\*\*

Perguntas-me quem deu ao meu passado,  
um céu de puro azul e a luz d'um sol?  
Quem fez do meu viver, ameno prado,  
orvalhado das perolas do arrebol?

Quem me fez boa e crente; e á minha infancia  
deu em doce dormir, sonhos tão bellos?!  
Quem me deu essa flor toda fragrancia,  
a fé, que me alentou castos anhelos?

Quem ao meu acordar n'adolescencia,  
deu a suave luz da inspiração?  
Quem me inflorou de rosas a existencia?  
Quem despertou minh'alma e coração?

Foi uma virgem linda como a rosa  
que no risonho abril, o prado inflora;  
meiga como essa estrella tão formosa,  
que no céu annuncia a luz d'aurora.

Ella que precedeu sempre os meus passos  
na estrada que segni sem vacilar;  
ella quem me prendeu em doces laços  
ao idolo que adorei no meu sonhar.

Se o meu céu se cobria nublado,  
ella vinha a sorrir-me qual bonança;  
e eu via a nova luz, no olhar radioso  
d'essa filha do céu, da meiga — Esp'rança.

Mas ai! Um dia a fria desventura  
do meu humilde albergue entrou o umbral!  
Tremeu a Esperança no vel-a; e a face pura,  
pendeu, qual pende o lyrio ao vendaval.

E chorou; essa dôr, muda... sublime...  
como a Cruz a velar um cemeteryo;  
era a dôr que em silencio o seio opprime  
occulta pelo manto do mysteryo.

Foi longo o pranto seu. Depois ergueu-se,  
osculou-me na face e caminhou;  
em vão tentei sustel-a, esvaeceu-se  
como aéria visão. Não mais voltou!

Desde então meu viver na soledade  
só tem por companheiro, o desalento;  
por limitivo, o pranto da saudade;  
por morte, a fria louza d'um moimento.

Não posso resurgir á vida á crença,  
á esp'rança que fugiu p'ra não voltar!  
Como dóe d'entro d'ahna a dôr immensa,  
que traz das illusões o despertar!

Por piedade, não ergas na minh'alma  
o véu que encobre a louza d'um jazigo!  
Deixa-me só. Eu sei mostrar-me calma  
soffrer, sem um lamento á sós comigo.

E á mulher que em silencio se definha,  
não falles mais—de esp'rança, crença, amor.  
Deixa morrer em paz, a pobrezinha!  
É um crime insultar tão nobre dôr!

Porto, 1 de agosto de 1878.

Clorinda de Macedo.

## MOTTE

EM CHAMAR-TE—MULHER—ESTOU VINGADO.

## SONETO

Fiz de minh'alma um templo em que habitavas;  
N'elle um culto sincero te rendia;  
No céu, na terra ali sómente eu via;  
Toda os meus sentidos dominavas.

Que com igual amor me compensavas  
Dos labios teus a cada instante ouvia:  
E que teu coração só meu seria,  
A mão aos céus erguendo, me juravas.

Julguei-te então sincera; affim conheço  
Que zombavas de mim, e que has trocado,  
Com outro os teus affagos por vil preço.

E avergonho-me até de haver-te amado;  
Mas que teu crime puna, ao céu não peço:  
Em chamar-te mulher estou vingado.

Correia Junior.

## TEUS ENCANOTOS

(A M. A. F. L.)

Da-me um sorrizo gentil  
Com que tu és tão dotada,  
Da-me essa rosa d'abril  
Que tens no seio colada,  
Da-me os olhos côr d'anil  
Oh mulher idolatrada!...

D'esses labios purporinos  
Da-me um beijo com amor,  
— D'esses cabellos tão finos  
Uma trança em cada alvor,  
— D'esses gestos tão divinos  
Um só um, oh meiga flor!

Deus fadou-te com belleza  
A mim só com desventura,  
Não me deu senão tristeza  
N'esta vida d'amargura,  
— Eu só peço á natureza  
Que me dé tua ventura!...

Tens uma vida risonha,  
Tens um porvir tão brilhante,  
Só eu na areia espinhosa  
Da fortuna estou distante...  
— Da-me uma phrase amorosa  
Serei feliz n'um estante.

Em pensar no teu encanto  
Eu me julgo tão feliz,  
— Cobre-me com o teu manto  
Minha cara Beatriz,  
— Sentirás o amor santo  
Crepitar no infeliz.

Da-me um sorriso gentil  
Com que tu és tão dotada,  
Da-me essa rosa d'abril  
Que tens no seio colada,  
Da-me os olhos cõr d'anil  
Oh mulher idolatrada!...

Porto, março 1879.

Eduardo Lobo.

## A ALGUEM

Formozo como os anjos de Murillo  
Eu vi teu rosto em prismas de cristal  
Amei-te como se ama a luz nascente  
Mas hoje não que és feita de metal.

Porto, março 1879.

Peizoto Junior.

## POESIA DAS RUINAS

(ESBOÇOS PHANTASMAGORICOS)

A ANTONIO TEIXEIRA DE SOUZA

Fui ver o por do sol!  
Que poesia encerra este quadro repleto de bellezas...

Nada ha mais poetico, nada que mais commova do que é a solidão. A noute n'um bosque fitando a lua por entre as arvores que se entrelaçam, escutando os seus longinquos do vento na ramada alta dos pinheiros, a terra a soar debaixo dos pés d'um viajante que se affasta assobiando... ou d'um rebanho que se recolhe... marchando por entre aquellas columnas dos templos naturaes, a lua seguindo-nos phantasticamente por aquella peregrinação, d'onde e onde um pyrilampo a brilhar por entre as hervas... o coração sente-se como dilatado, e a alma võa até ao infinito.

O magico silencio da noute... interrompido por uma harmonia de rouxinol... por o cantar modulado d'uma cigarra, tem

a poesia que inspira, a alma... que commove o coração e que faz crêr no creador d'aquelle açafate de belleza, na tragedia do calvario...

Assim me aconteceu uma vez!

(Continua) Julio Cardoso.

## VERSÕES DE CAMPOAMOR

(DOLÓRAS)

## BODAS CELESTES

Vi-te uma vez apenas, um momento;  
Mas o que faz a brisa com as palmas,  
Produziu-o dentro em nós o pensamento  
Ausentes, sem nos vermos, nossas almas  
São palmeiras casadas pelo vento.

## COMEDIA ETERNA

I

Um galan a adorava  
E ella sorria, enquanto elle chorava.

II

Mas desde certo dia  
Trocaram-se os papeis, — elle sorria...

## DUAS NOIVAS

Os desposados Soror Luz olhando  
Junto ao festivo altar,  
— «Que noivo tão formoso, diz anciando,  
Mas o meu não tem par.»

E nos olhos da noiva irradiava  
Um sorriso de luz,  
Em quanto melancolica chorava  
A esposa de Jesus.

## NÃO HA VIDA SEM TI

Porque queres saber, pomba querida!  
Em que vive meu espirito occupado?  
Depois que me deixaste abandonado  
Sómente aneeio abandonar a vida.

## OS DOIS MEDOS

Quando a noite chegou —noite d'incanto!  
Afastada de mim,  
Disse-me então: «Porque te acercas tanto!  
Eu tenho medo de te ver assim!  
Mas quando o Sol annunciava o dia,  
Enleando-me ao seio de marfim,  
Oh! não te afastes tanto! me dizia,  
Se tu foges, amor! pobre de mim!

1879

Joaquim d'Araujo.

MEIA FABULA

Disse um tigre mosqueado  
A um pobre cordeirinho:  
—Tu andas muito arriscado  
Assim tão fraco e sosinho;  
Deves ser meu aliado.  
—Mas dize-me: Esse focinho  
Parece-me ensanguentado...  
É sangue d'algum malvado?  
—É sangue d'um desvairado,  
Que se julgava adivinho,  
Que se julgava inspirado;  
Encontrei-o no caminho  
Devorei-o d'um bocado.

O pobre do cordeirinho  
Foi andando de mausinho,  
Foi andando disfarçado,  
E dizendo horrorizado:  
«Com semelhante aliado,  
— Meu pobre velo nevado!  
Meu pobre vélo d'arminho!

E não quiz ser aliado.

Lisboa, março, 79.

João de Deus.

ETERNO FEMININO...

À que eu adoro,  
— Violeta d'ouro!

À que eu venero,  
— Peito sincero!

E por quem peno,  
— Doce veneno!

— E por quem vivo!

Por quem desmaio,  
Ou lanço o raio;

A quem só viso  
E diviniso:

Dedico (louco)  
Versos... Que pouco!

Tenho-a; domino-a; é minha. Os olhos d'ella  
Vêem a luz se lh'a envia um olhar meu,  
Fulgem como dois astros na janella,  
Se em baixo eu surjo, extático Romeu.

Quando, porém, ao longe eu me confundo,  
Nublam-se tristes os meus negros soes  
E em trevas ficam, como fica o mundo,  
Quando o sol se lhe apaga e a côr depois...

Sou o ar que ella respira; o ignoto canto  
Que lhe embala em cadencias ideaes  
O coração; sou o morbido quebrauto  
Que lhe infunde as meiguices sensuaes.

Sou eu (e a lua em noites feiticieras)  
Que nos marmores pallidos da tez  
Lhe cavo as madreperolas-olheiras,  
E n'essas conchas sorvo a embriaguez...

Sou eu que, sacerdote venerado,  
Lhe inicio o virgineo coração  
— Para o cobrir dos golpes do Peccado —  
Nos mysterios da alma e da razão.

Eu sou o confessor, austero e amigo,  
A quem jámais deixou de revelar,  
Por mais occulto que o guardar consigo,  
Um segredo qualquer, um só pensar.

Eu sou a longa, a vivida esperanza  
D'essa existencia tão modesta e só;  
O sabbado feliz em que descança,  
A luz que varre de sua alma o dó.

Se lhe eu dissesse: «E' Deus uma chimera  
Que só vegeta em cerebros pueris,  
Que não resiste á analyse severa,  
Á disseccção dos nossos bisturis;»

Se uma tal impiedade eu proferira,  
Ella, a pomba que treme dos atheus,  
Murmurára talvez: «Deus é mentira?  
Mas tu existes! Que me importa Deus?»

Eu podia quebral-a como um vime,  
Assassinal-a por me distrahir,  
Que ella achára santissimo tal crime,  
Se no meu tedio me fizer sorrir.

Como o crystal mais transparente e puro,  
E' para mim o seu rasgado olhar;  
Leio até n'elle o pensamento obscuro  
Que ella mesma não sabe interpretar.

E, no entanto, oh mysterio impenetravel,  
Desespéro das cousas ideaes!  
Mais facil é narrar o inenarravel,  
Achar um termo aos turbilhões astraes,

As marés decifrar dos oceanos,  
Palpar a gleba onde enraiza a fé,  
Traçar a curva aos ideaes humanos,  
Do que dizer, em summa, o que ella é!

Contradição, enigma o mais sombrio,  
Sphynges adoravel que me estorce e ri!  
Oh labyrintho onde não acho o fio...  
Mas... tu amas-me, e eu... adoro-te, Fifi!

M. Duarte d'Almeida.